



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 15 | Nº. 29 | Jun./Dez. de 2023

Jaciara Azevedo Rodrigues

Universidade Estadual do Ceará /UECE

jaciaraazevedorodrigues951@gmail.com

DUVIDO ISSO O DOCUMENTO CONTAR: práticas cotidianas na via permanente (1976-1996)

RESUMO

Este artigo apresenta algumas narrativas dos trabalhadores ferroviários que prestaram serviço especificamente à Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA) no interior cearense. Para tanto, foram selecionados alguns fragmentos excepcionais contidos nas entrevistas de ferroviários residentes na cidade de Reriutaba, localizada no Estado do Ceará, nos quais é descortinado o cotidiano de trabalho.

Palavras-chave: Cotidiano; Ferroviários; Memórias.

ABSTRACT

This article analyzes the stories of railroad workers who performed their service specifically on the Federal Railway Network Public Limited Company in the interior of Ceará. For that, some exceptional fragments contained in the interviews of railroad workers who live in the city of Reriutaba, located in the State of Ceará, were selected, showing the daily life of these workers.

Keywords: Daily; Railway Workers; Memories.

Introdução

Tendo em vista que o trabalho na ferrovia foi constituído por diversos departamentos, um desses espaços foi a via permanente¹. Essa categoria de trabalhadores possuía a incumbência de realizar a manutenção e conservação da linha férrea para tornar viável o percurso do trem com segurança. Sendo assim, o objetivo dessa produção parte da incumbência de colher reminiscências (Thomson, 2006), analisando as histórias e memórias dos ferroviários da via permanente, uma vez que executavam seu serviço de forma braçal, e independente das intempéries da natureza, teriam que se fazer presentes, carregando no corpo as marcas do seu trabalho, considerando a produtividade em primeiro plano. Logo, estão inseridos no grupo que realizou um dos serviços mais pesados da ferrovia.

Tendo em vista que “a memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano” (Bosi, 2004), esta produção se apoia na metodologia de História Oral para acessar as memórias do cotidiano desses sujeitos. Mais do que uma narrativa comum de fatos ocorridos, a história oral possibilita, por meio de conversas partilhadas entre aquele que narra e aquele que faz a escuta, vivenciar as experiências diluídas em memórias individuais e coletivas de forma a compreender o impacto dessas experiências no âmbito do mundo individual e social (Portelli, 1997). Desse modo, a escuta das falas vivenciadas nessa pesquisa foi uma experiência enriquecedora para minha trajetória acadêmica.

O recorte do grupo escolhido teve como base de organização o que Meihy (2010) desenvolveu tendo como ponto de partida o pensamento de Halbwachs (1990). Assim, “três conceitos se hierarquizam de maneira combinada e sem eles muito bem definidos não se opera adequadamente em história oral.” (Meihy, 2010, p. 50). Nessa perspectiva, o autor conceitua comunidades de destino, colônias e rede². Objetivando fazer esses conceitos funcionarem na referida pesquisa, é possível afirmar que se considera comunidade de destino, o grupo de trabalhadores escolhido para essa

¹ Conforme o glossário de termos ferroviários produzido pelo Departamento Nacional de Transportes, via permanente abrange toda a linha férrea, os edifícios, as linhas telegráficas, etc. (p. 65)

² Conforme o historiador Carlos Sebe Meihy conceituou, *comunidade de destino* é a união de pessoas que são marcadas, muitas vezes, por dramas comuns, coetâneos, vividos com intensidade. Há dois pressupostos que instruem a formulação desse conceito: a base material e a segunda de fundamento psicológico, de gênero ou orientação (política, cultural ou sexual). Se a *comunidade de destino* é o todo, a *colônia* é sua primeira divisão, ainda que em bloco grande. A *rede* é a menor parcela da comunidade de destino. Dentro da colônia é possível identificar segmentos mais restritos que possuam aspectos em comum e que constituirão as redes.

pesquisa que são os ferroviários. A colônia, por sua vez, são os ferroviários aposentados pela RFFSA especificamente e a rede é formada pela categoria de via permanente residentes na cidade de Reriutaba³. Sendo assim, “a rede, por sua vez, é a subdivisão da colônia, portanto a menor parcela de uma comunidade de destino. (Meihy, 2010, p. 54)

Esses ferroviários prestaram serviço à Rede Ferroviária Federal, sendo assim, o recorte temporal selecionado nessa produção fez menção aos anos do seu serviço. Conforme suas fichas de trabalho disponibilizadas no *Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT)*, esses sujeitos ingressaram no trabalho ferroviário de 1976 até 1996. Por razões metodológicas, optou-se por zelar pela identidade desses trabalhadores, inserindo, apenas, seu último sobrenome. Essa estratégia se deu em virtude de se sentirem mais à vontade para se lembrarem do tempo de emprego na RFFSA.

Tendo em vista a rede de grupo escolhida, pode-se notar alguns desvios ao longo de sua rotina, como certos momentos de lazer sendo considerados brechas no trabalho. Nesse sentido, Matos (2002, p. 26) afirma que “ao contrário do que alguns apontam, a história do cotidiano não é um terreno relegado apenas aos hábitos e rotinas obscuras.” As abordagens que incorporam a análise do cotidiano têm revelado todo um universo de diversidade de acontecimentos.

Com isso, o cotidiano dos ferroviários não está caracterizado apenas pelos atos de marcar seu ponto, assentar dormentes, almoçar com a turma reunida em algum trecho no meio do nada e retornar para casa ao final do dia. Está repleto, também, por vivências de lazer, traumáticas, por vezes, histórias que o documento escrito não é capaz de contar. Conforme Bosi (2004, pgs 16-17), “quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época”. Desse modo, ao entrevistar testemunhas oculares, é possível obter uma visão mais nítida e detalhada do passado, reconstruído com base no presente. Assim, esta produção lida com fontes vivas, que, ao contrário do documento escrito, dialogam com os pesquisadores em tempo real, embora seu manejo seja desafiador.

2 HISTÓRIA E MEMÓRIA NA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA

³ Nesse estudo, a pesquisa mapeou alguns ferroviários atualmente aposentados da RFFSA residentes na cidade de Reriutaba, localizada no interior do Estado do Ceará.

Ao longo da história da validação do testemunho oral, houve avanços e alguns retrocessos. Diante disso, faz-se importante conhecer esse contexto antes de adentrar nas memórias dos sujeitos aqui em análise. Hartog (2011) afirma que na antiguidade, a credibilidade do testemunho estava no ocular ou no ouvir. O autor, então, traz os testemunhos como fundamentais para a produção da História. Em contrapartida, o século XIX trouxe a ideia da História como ciência, demonstrando que o testemunho não recebe credibilidade nesse método histórico tradicional, e sim, a produção da história enquanto ciência lança luz apenas àquela narrativa que consta nos documentos, ou seja, os fatos estão restritos ao escrito.

Ademais, a escola metódica se insere longe da valorização dos testemunhos, sendo assim, para se fazer história no século XIX, era preciso lidar eminentemente com a objetividade. O principal alvo dessas críticas tem como premissa “a memória não ser confiável como fonte histórica, porque era distorcida pela deterioração física e pela nostalgia da velhice, por preconceitos do entrevistador e do entrevistado e pela influência de versões coletivas e retrospectivas do passado.” (Thomson, 2017, p. 66). Em suma, enquanto as fontes orais possuíam um valor inestimável para os gregos antigos, eram desconsideradas como científicas pelas correntes historiográficas do século XIX.

Nessa perspectiva, faz-se importante lembrar que as fontes documentais não eram menos seletivas e menos tendenciosas (Thomson, 2006). Assim, o período das grandes guerras mundiais modifica o cenário da hostilização das fontes orais, se a escola metódica nos ensinou a ter distanciamento, para compreender o período de guerras há o retorno da valorização do testemunho. Não é por acaso que, gradualmente, desde a década de 1960, buscou-se os relatos de quem vivenciou esses períodos traumáticos, pois eram sobreviventes que haviam vivido experiências singulares.

Desse modo, a década de 1980 já se ascende com a valorização da memória. Assim, nesse período há uma difusão maior de trabalhos que se valem da História Oral, ou seja, houve a necessidade de ouvir aqueles que durante muito tempo estiveram invisibilizados pela historiografia dita oficial, passando, assim, a serem (re) conhecidos. Nessa vertente, o advento da Escola dos Annales, mais especificamente a terceira geração, traz a história contada não apenas pelo viés documental, mas

também por outras fontes que passam a ocupar espaço significativo para a produção historiográfica.

Nesse contexto, os testemunhos orais são reconsiderados como fontes indicadas para se contar a História. Não há dúvidas de que a possibilidade de registrar a vivência de grupos cujas histórias dificilmente eram estudadas, representou um rompimento de uma história tradicional, proporcionando adentrar em um novo jeito de fazer história. São esses mesmos sujeitos esquecidos pela historiografia que há tempo promovem uma história em movimento, pois “a história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”. (Bosi, 2004, p. 15). De fato, os documentos oficiais geralmente fornecem uma visão estruturada e factual dos acontecimentos, podendo deixar de fora as nuances emocionais, os motivos pessoais e as complexidades humanas que moldam a história.

Diante disso, “desde que a história oral se estabeleceu como prática e movimento nos anos 60 e 70, os historiadores orais debatem questões referentes à memória e história.” (Thomson, 2017, p. 65). Alguns estudiosos irão traçar polarizações enquanto outros irão defender um diálogo entre ambos os termos. Nessa perspectiva, Motta (2003) afirma que “o senso comum tem, até hoje, operado esses termos como se eles fossem meros sinônimos.” (Motta, 2003, p. 182). A autora ainda complementa que, ao contrário da memória, a história busca uma representação crítica. Além disso, essa ideia se pauta em afirmar que a memória é uma construção do passado feita sem o processo crítico pelo qual a história é produzida.

Nora (1993) também traça dicotomia entre esses dois conceitos. Segundo o autor, memória e história não são intercambiáveis, mas, ao contrário, revelam-se significativamente distintas, mostrando-se opostas em suas essências. O autor detalha que “a história aposta na descontinuidade, pois ela é, ao mesmo tempo, registro, distanciamento, problematização, crítica e reflexão. [...] A memória é, ainda, um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (Nora, 1993, p. 9). A história começa, portanto, onde a memória social se decompõe.

Ainda sobre essa discussão, segundo Catroga (2015), quando o debate é história e memória, a discussão de boa parte dos historiadores caminha no sentido de uma radical diferenciação. Ainda afirmando que “só um cientismo ingênuo pode aceitar a existência de uma radical separação entre a retrospectiva da memória e a retrospectiva historiográfica.” (Catroga, 2015, p. 53). Com isso, pode-se afirmar que

não há uma separação rígida e considerando as nuances entre ambas para uma compreensão mais eficaz do passado.

Faz-se fundamental, então, pensar a memória como potencialidade analítica na História sendo mecanismo de construção de lembranças, que no senso comum é restritamente particular. Apesar de alguns autores apontarem dicotomias entre esses termos, nesse artigo, optou-se por não os trazer de modo contraditório, mas realçando como se assemelham e se integram na prática historiográfica.

Como é notório, há quem coloca em distinção esses dois conceitos. Entretanto, ao invés de dicotomizar memória e história, é mais produtivo considerá-los como relações dinâmicas integrativas. Sendo assim, a história pode se beneficiar da memória, incorporando diferentes vozes e perspectivas, e a memória pode se enriquecer ao ser analisada criticamente e contextualizada pela história. Dessa forma, a relação entre memória e história é multifacetada, e sua interação é fundamental para uma compreensão completa do passado. Ambos os termos têm uma função relevante na construção do conhecimento e na preservação da identidade e cultura de uma sociedade.

Com isso, pode-se pensar a história como ciência que se utiliza da memória enquanto fonte histórica. Portanto, essa visão mais dinâmica da memória destaca sua importância não apenas como um arquivo estático do passado, mas também como um componente vital na construção e na compreensão da identidade individual e coletiva.

Diante disso, Halbwachs (1990) demonstra que é impossível localizar as nossas lembranças se não tomarmos como ponto de aplicação os cenários sociais reais. Então, o quadro social serve de referência para reconstrução de uma memória. (Halbwachs, 1990). Entretanto, ainda que o indivíduo seja socialmente construído, devemos nos ater que a percepção e o conhecimento do mundo são promovidos de forma singular. Desse modo, Rousso (1996) afirma que a reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido em um determinado contexto.

3 DE LEVE SÓ TINHA O CHEQUE: A DINÂMICA DO TRABALHO FERROVIÁRIO

É notório os ferroviários entrevistados relatarem que nas décadas de trabalho 1980 e 1990 eram vistos na cidade com salário equivalente ao funcionário do Banco do Brasil. Logo, ao chegar nos locais públicos eram percebidos como “marajás”⁴, assim o senhor Rodrigues enfatiza. A partir disso, pode-se refletir que apesar do serviço na ferrovia exigir um esforço significativo, havia um reconhecimento em virtude desses trabalhadores representarem uma rede federal nas pequenas cidades. Contudo, o senhor Rodrigues, muito bem enfatiza que sua função: “de leve só tinha o cheque” (09 mai. 2023), pois demandava um esforço físico significativo.

Khoury (2001, p. 80) aborda um pouco da atividade desempenhada durante a pesquisa histórica, trazendo à tona a análise dos historiadores comprometidos com a realidade social. A autora disserta que estes “desenvolvem pesquisa a partir das experiências dos sujeitos não como conceito ou abstração, mas como pessoas vivas que se fazem histórica e culturalmente, num processo em que as dimensões individual e social são e estão intrinsecamente imbricados.” Essa abordagem mais ampla e interconectada proporciona uma compreensão mais profunda e contextualizada das experiências humanas, promovendo uma visão mais inclusiva das realidades individuais e coletivas. Desse modo, aqui se trata de histórias de trabalhadores que “ganhavam a vida” com a força da sua mão de obra, literalmente suas mãos.

Conforme as entrevistas, os trabalhadores de via permanente relatam sua forma de ingresso através das mãos. Tal fato se deve, de acordo com o relato do senhor Paiva, a uma comissão, também chamada de embaixada pelo senhor Alves, que, enviada pela capital cearense, viajava para as estações do interior observando as mãos dos sujeitos, sobretudo se havia presença de calos.

Diante disso, o senhor Vieira afirma: “Se empreguemo através das mãos”. Ao ser questionado acerca da sua forma de ingresso no trabalho ferroviário, reporta-se ao modo de seleção que era feita. Nesse sentido, o recrutamento dos trabalhadores se dava de maneira funcional em que não deixava de ser uma verdadeira prova. Há necessidade, então, do significado literal da expressão através das mãos. As mãos, por sua vez, calejadas, demonstravam o interesse da empresa em empregar aquele determinado sujeito, uma vez que dava a ideia de produtividade.

O senhor Vieira não hesitou em lembrar o seu ingresso no trabalho. Na tentativa de discorrer com detalhes acerca da avaliação da comissão enviada pela

⁴ No sentido figurado, marajá significa indivíduo muito rico e poderoso.

capital, utilizou os gestos do deslizar as mãos dele sobre a entrevistadora, com o intuito de transmitir o mais próximo de como ocorreu. Assim, é notório que o senhor Vieira fez uso do toque manual, assim, pode-se considerar como sendo uma representação dos acontecimentos vivenciados no momento de avaliação para conseguir seu trabalho na RFFSA.

Nessa perspectiva, conforme Gondar (2005, p. 24), a memória pode ser compreendida como um processo, no qual as representações se tornam apenas uma parte, pois “ela exerce também em uma esfera irrepresentável: modos de sentir, modos de querer, pequenos gestos, práticas de si, ações poéticas inovadoras.” Diante disso, há que se pensar em desafios para os pesquisadores, uma vez que a ideia de uma esfera irrepresentável na memória pode ser difícil de abordar e estudar empiricamente, já que esses elementos muitas vezes não são facilmente mensuráveis ou identificáveis. Há que se ter um discernimento. Apesar disso, ao considerar esses outros aspectos para além da fala, é possível ampliar nossa compreensão da memória como um processo dinâmico e multifacetado.

Os modos de sentir do senhor Vieira também foram transmitidos ao contar o que aconteceu após a decisão de que iriam contratá-lo: “quando decidiram minha aprovação, fiquei numa felicidade só [suspiros].” (05 de jun. 2022). Contudo, sobre as atividades desempenhadas logo no primeiro dia de trabalho, a alegria sai de cena, pois assim o senhor Vieira revela: “já foi para capinar um capim muito ruim, mas conseguimos deixar tudo limpinho. Nas agulhas⁵ era a parte de tirar mais complicada, mas demo conta.” (05 de jun. 2022). O capim que o senhor Vieira menciona são aqueles que nascem ao redor dos trilhos. Sendo assim, a apresentação das marcas de calos nas mãos durante o processo avaliativo simbolizava o costume com o trabalho pesado e que não iria fazer corpo mole.

Foi notório que ao iniciar a entrevista com um dos assuntos de como se empregaram na RFFSA, a arte de narrar foi ganhando espaço nessa referida pesquisa. Algo mencionado acerca do cotidiano ferroviário era a função chamada Ronda⁶. Sendo assim, era feita uma escala para organizar a ordem daqueles que

⁵ Conforme Glossário de termos ferroviários, agulha é o conjunto de peças móveis e paralelas entre si, partes integrantes do aparelho de mudança de via ou chave, e cujo deslocamento leva o trem ou veículo a passar de uma via para outra.

⁶ Conforme o Glossário de termos ferroviários, ronda significa o serviço da via permanente, para verificação de ocorrências que ponham em risco a circulação dos trens. (p. 50)

realizariam essa função a cada dia. Nesse sentido, o senhor Ribeiro rememora sobre o trabalho da ronda:

Cheguei a fazer a ronda. Ia todo tempo acompanhando a linha com a pá, a enxada, alguma coisa para tirar os bichos do meio da linha, porque quando vinha o trem da noite, matava gado, ou até no período de inverno com as chuvas muito fortes tinha pedras no meio dos trilhos e a ronda era necessária. Fazia a ronda de pé. Além de ir de pé, levava essas ferramentas tudo no ombro. Teve uma época que tive um feitor meio carrasco e ele dizia assim: Durante seu percurso, você vai acochar 30 juntas da linha de um lado e 30 de outro. No total dava 60. Tudo isso. Cada junta daquele são dois parafusos de um lado, e dois parafusos de outro. Eu tinha que fazer 60 juntas daquela. (14 ago. 2023).

A partir desse relato, pode-se afirmar uma função que apesar de ser cumprida essa escala de serviço, era exaustivo caminhar por alguns quilômetros na linha sob as mais diversas condições. Apesar de ser realizada a pé, havia o carregamento de ferramentas sobre o corpo intensificando o cansaço. Cerqueira (2017) em sua pesquisa abordou acerca dos ferroviários no Piauí, uma parte da sua produção foi dedicada a categoria de via permanente abordando as condições de trabalho. Assim, sobre o trabalho da ronda narra:

Em dias em que os trens circulavam, os conservadores da estrada precisavam estar sempre atentos e fazer as rondas, pequenas viagens nos troles para verificar o estado da estrada. Uma simples pedra entre os trilhos poderia provocar um descarrilamento. Eram os conservadores de linha os responsáveis por manter a linha em perfeito estado, trocaram os dormentes, os trilhos, cuidar dos aterros para que nada desse errado durante as viagens. (CERQUEIRA, 2017, p. 175)

De acordo com Cerqueira, pode-se inferir a importância do trem de passageiros e cargas para o desenvolvimento naquela época. Diante da preocupação com um tráfego seguro, havia a necessidade de conservadores da estrada vigiando, realizando inspeções regulares para garantir que a estrada estivesse em condições satisfatórias. O simples fato de uma pedra entre os trilhos poderia ocasionar um acidente grave. Desse modo, os conservadores de linha possuíam a incumbência de evitar problemas durante as viagens. Quando identificada alguma falha, teriam que atuar na correção. No relato dos entrevistados, o papel da ronda ser realizada a pé perdurou nas linhas ferroviárias do Ceará até meados de 1983.

Outro aspecto importante de mencionar é que eram convocados até durante a noite para realizar algum trabalho imprevisto. Muitas vezes em descarrilamento que

faziam isso, sobretudo em períodos de invernos rigorosos. Assim, apesar de ser contabilizado como horas extras, esses ferroviários eram chamados independentes do que estivessem fazendo. “Na hora que me chamasse para ir eu estava no ponto”, assim relata o senhor Araújo na construção de uma identidade de um trabalhador produtivo. Para ele, ser ferroviário na RFFSA era não ter horário fixo para chegar em casa, uma vez que sua função exigia que se deslocassem para outras cidades. Já o senhor Alves não hesitou em revelar o quanto achava desconfortável quando havia esses tipos de convocação:

Quantas vezes eu estava deitado numa rede no meio da casa e batia na porta o filho do mestre de linha: “pei, pei, pei”, e aí dizia: “ei, fulano, papai tá chamando, eu digo que não vai, digo, digo?” e então quando fazia essa pergunta eu como uma forma de me impor dizia “pode dizer!” mas eu acabava acompanhando, porque era o jeito. (14 nov. 2022)

A expressão "papai tá chamando" sugere uma hierarquia e uma necessidade urgente de resposta aos chamados do trabalho, mesmo quando o indivíduo tenta se impor, indicando a força da cultura organizacional ferroviária sobre a vida pessoal dos trabalhadores. O levantar da cadeira para teatralizar a forma como a porta foi batida, revela um modo de performance por parte do narrador, sendo assim, ao se utilizar da verbalização das batidas, gera mais ênfase e empolgação para o que está sendo contado, tornando-se assim, mais uma narrativa mais viva. O senhor Rodrigues (09 mai. 2023) ressalta uma lembrança também:

Senhor Rodrigues: Eu me lembro que um dia cheguei em casa por volta mais ou menos de 7 horas da noite, e estava chovendo bem, o inverno estava bom. Dava muito problemas na linha no inverno. E quando eu estava tirando as botas, o amigo meu chega e diz: “Murilo, vumbora?” como a minha farda chegava molhada, eu só fazia trocar de roupa, e voltava pra trás, quando eu voltava sabe quando era?

Jaciara: quando?

Senhor Rodrigues: Voltava com dois dias para casa. Mas também eu voltava com cheiro de óleo de trem na minha roupa.

Diante disso, tanto o relato do senhor Alves quanto do senhor Rodrigues demonstra como a vida dos ferroviários era permeada pela interrupção constante das atividades pessoais devido às demandas do trabalho, evidenciando, desse modo, a dedicação e prontidão desses trabalhadores diante das exigências do trabalho ferroviário. De acordo com esses relatos, há o senhor que demonstrou que estava sempre disponível ao ser chamado e já no outro relato, o senhor Alves e o senhor

Rodrigues consideravam esgotante. Percebe-se, em vista disso, a força física relevante para esse tipo de trabalho. Logo, o cotidiano desse trabalho não se resume apenas a nostalgias, há também tramas e traumas. Entretanto, esses ferroviários tinham que estar com a saúde mental cuidada, pois algumas situações traumáticas de acidentes insistem em ficar em suas lembranças. Diante disso, é possível afirmar que nem o tempo foi capaz de apagar. O senhor Paiva narra algo que ainda tem hoje em mente:

Eu juntei um trabalhador da minha turma, foi eu que juntei ele e coloquei dentro de um surrão. Um dia 5 horas da manhã, ele gostava de umas farras, e sentou na ponta do dormente e o trem passou por cima e retalhou. Esse ossinho que nós temos aqui? A roda pegou e arrancou. Ai rolou o pé dele com o sapato. O intestino dele ficou estendido a 15 metros de distância. E o maquinista muito amigo do trabalhador achava que tinha sido algum animal. Depois que foi saber. (04 de ago. 2022)

O senhor Paiva afirmou que de acordo as regras da empresa, era necessário comparecer aos locais de acidentes que interrompiam, de certo modo, o tráfego do trem. Ademais, o mesmo, que foi durante anos o chefe da turma dos trabalhadores, afirma que diante de tal contexto, fazia imperioso organizar, em seguida a qualquer acidente, relatório indicando causas e responsáveis. Isso era ordem que recebiam, remetendo-nos, assim, uma lembrança de que a segurança no trabalho deve ser uma prioridade. Com isso, percebe-se que além dos traumas físicos havia os abalos psicológicos em ter que lidar com esses acidentes no meio do trecho da ferrovia.

4 NO MEIO DO TRECHO FERROVIÁRIO TUDO PODE ACONTECER: LEMBRANÇAS DE VELHOS

Começamos esse tópico fazendo referência à Ecléa Bosi, sobretudo por destacar a importância da narrativa de pessoas idosas, o quão se faz urgente conhecermos mais desses sujeitos. Bosi (1987) na introdução de sua obra *Memória e sociedade*, lança o seguinte questionamento: “Por que temos que lutar pelos velhos?” Em busca de dissertar acerca dessa reflexão, a autora discute que eles constituem a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois são guardiões do passado.

É notório, dessa maneira, que a autora nos convida a ter um olhar sensível para esses indivíduos, pontuando razões da importância das suas memórias virem à

tona. A começar pelo imaginário popular das décadas de serviço dos ferroviários. As assombrações foram comentadas pelos sujeitos, repassando uma ideia de que seu trabalho exigia uma coragem para ser exercido. Com isso, é perceptível as ditas histórias narradas.

Além disso, é evidente que cultura popular tem a ver com a oralidade, podendo, assim, interligar-se com a História Oral. “Desenha-se, ao longo das estórias, uma configuração cultural complexa onde se mesclam a realidade e o imaginário, o presente e o passado, a experiência vivida e o fato narrado.” (Cavignac, 2009, p. 70). Nesse sentido, “essas narrativas atemporais revelam ainda um passado esquecido, enterrado e escondido nas furnas e nas serras repletas de perigos e de almas; realidade invisível que se desvenda na palavra.” (Cavignac, 2009, p. 70). Diante disso, o senhor Ribeiro relata:

Tinha uma parte do trecho que chamava corte do menino. Eu vinha da ronda já escuro. Toda pessoa que passava por lá, ouvia um menino chorar: ueh, ueh. Bom, eu passei e escutei esse barulho também. No dia seguinte, comentei com alguns colegas e eles explicaram que ali por perto tinha sido enterrado um menino pagão. E, também, outro fato curioso é que durante as rondas, a gente encontrava algumas pessoas com problemas mentais, carregando sacos nas costas andando pelos trilhos. Muitos de outros estados, como Piauí, viam andando seguindo viagem rumo à Fortaleza. (14 ago. 2023)

Em busca de compreender o que seria um corte no vocabulário ferroviário, o senhor Ribeiro responde com esmera satisfação: “Corte é uma barreira grande e o trem passa por dentro, só não é túnel porque não é fechado por cima... barreira de um lado e de outro que os trilhos vão dentro, porque os trilhos não sobem alto.” (14 ago. 2023). Com esse questionamento, torna-se evidente que no momento da entrevista não há o mais detentor do conhecimento. O entrevistado também possui seu saber sobre assuntos que quem o entrevista não detém, logo se constrói uma relação de igualdade. Portelli (2016) considera a entrevista de História Oral como “experimento em igualdade”. Sobre isso, o autor, então, explica:

Dois indivíduos, separados por classe, idade, gênero, etnia, educação ou poder, fazem um esforço para falar um com o outro como se todas essas desigualdades estivessem suspensas e os seres humanos pudessem conversar uns com os outros em um mundo utópico de igualdade e diferença. (Portelli, 2016, p. 27)

Diante dessa relação dialógica, pode-se afirmar que a História Oral nos permite analisar rompendo com uma suposta postura de hegemonia do eu do investigador. Ademais, observar para além da fala gravada, como as performances do narrador. Assim, o modo como o senhor Ribeiro demonstrou o som do menino chorando, tornou o relato mais enriquecedor de detalhes. As histórias fantásticas de mitos sempre fizeram parte desses tempos mais antigos e entre o grupo de ferroviários no meio da mata não poderia ser diferente. Segue abaixo uma fotografia que muito transmite o dia a dia quando implantavam barraca longe dos centros das cidades.

Imagem 1- Alojamento no meio do trecho linha norte do Ceará



Fonte: Arquivo digital do Museu Ferroviário do Ceará, 1985.

Os ferroviários pertencentes à categoria de via permanente possuíam vestígios nas regiões mais remotas e inóspitas tornando a rotina desafiadora. Com isso, a falta de infraestrutura adequada e os ambientes insalubres contribuía para a exposição de doenças e infecções. Diante disso, em busca de analisar a fotografia acima, observa-se alguns elementos passíveis de reflexão. Primeiramente, miramos nossa atenção à blusa utilizada como uniforme da empresa. São mangas curtas, logo, é possível a reflexão do modo como eram protegidos os antebraços desses sujeitos. Essa ponderação se faz ainda mais pertinente quando o senhor Paiva começa a explicar que “era proibido trabalhar com blusa de manga comprida, apenas manga curta. Se a manga comprida se enganchasse em qualquer peça ali, você pode se acidentar. Aliança e cordão... Deus me livre... eu tinha tudo isso, mas não usava.” (04 de ago. 2022).

Ao retratar essa situação, observa-se quão contundente o senhor Paiva foi com as palavras. Os acessórios não eram permitidos por facilitar a concretização de algum acidente de trabalho, uma vez que manuseavam máquinas e ferramentas pesadas. Ademais, em virtude das condições da época, muitos não percebiam o perigo que ocasionava toda aquela exposição ao sol sem a devida proteção. Vale observar que, na maioria dos casos, pelo número expressivo da turma dos trabalhadores, a lona não abarcava todos, ficando alguns sem a sombra. Essa imagem nos leva à reflexão de sua árdua rotina em que estavam submetidos aos fenômenos da natureza.

Nesse sentido, inserido em um sistema de hierarquização, o capacete de cor branco pertence aos trabalhadores braçais. O senhor Paiva, quando questionado sobre a diferenciação das cores dos capacetes no ambiente de trabalho, afirma que auxiliava no momento da chegada dos engenheiros em determinado trecho. Essa facilidade possibilitava saberem a função de cada um e com quem estavam se comunicando. Na maioria das vezes, quando esse engenheiro chegava, procurava o supervisor da turma, que, por sua vez, repassava as questões dos trabalhadores da via permanente para ele.

Debaixo dessas barracas ocorriam muitas situações cômicas ou até mesmo tristes. Um cenário descontraído no momento do almoço eram as brincadeiras, apelidos eram trocados, sociabilidades eram construídas. Entretanto, é cabível nos atermos em um cenário calamitoso, as famílias iam até esses pontos para solicitar comida. Alguns anos foram marcados por secas, sobretudo início da década de 80. Nesse sentido, famílias humildes que habitavam nas beiras dos trechos encontram refúgio na solidariedade desses homens. O senhor Araújo relata:

Teve um 'tempovêi' ruim 82-83, era uma seca braba. A empresa dava almoço e merenda. Nós começemo uns serviços aqui perto do centro, em um povoado aqui da cidade. Aí a meninada começou a encostar. Os bichim tudo magrinho, às vezes uns calçãozinho tudo rasgado. Eles pediam mesmo comida a gente. Eu era um dos tais que quando merendava bem, na hora do almoço eu nem almoçava e dava para eles. Cansei de dar comida. Sempre levava um quebra-galho na sacola para na hora que eu tivesse com fome, comer. Esses meninos acompanharam nós até a cidade vizinha. Nós passava cinco horas no carro e já tinha deles que nós já passava por eles no caminho, para pegar uma coisinha na hora da merenda e do almoço. Era andando. E quando era de mei dia para tarde, eles iam simhora. Mas era o nível da precisão que era demais. Pai da família trabalhando para dar de comer para 8 a 10 filhos[...] Uma vez eu tava almoçando e um menino chegou com um saquinho de plástico de colocar arroz, açúcar. E perguntou: 'seu chaga, você pode me arranjar um coisinha?'(não consegue falar, voz fica trêmula

emocionado com a lembrança) continua 'Minha mãe ficou em casa e só ficou...' (não consegue falar, pausas.) 'com a água no pote.' (silêncio cabisbaixo). E eu só fiz pegar minha marmita e despejei no saco dele e ele pegou a linha e abarcou⁷. (Araújo, 27 jan. 2022)

O senhor Ribeiro também conta um pouco desse cenário:

Eu dava de comer para eles. Hoje mesmo o pessoal tudo casado e quando encontro alguns dizem: "esse aqui trabalhava na RFFSA e deu muito de comer a nós" [...] juntava aquele pessoal e a gente tinha mó prazer do mundo para ajudar eles. Era mulher com menino, muita mulher com a bacia debaixo do braço esperando a comida. (14 ago. 2023)

Como um entrevistador deve se comportar diante de relatos tão profundos como esses? A situação narrada revela a pobreza latente vivenciada por algumas famílias, onde até mesmo a água no pote era um luxo. Pode-se considerar a seca como fenômeno social que agravava a pobreza e afeta particularmente as condições de vida da população, que dificilmente tem acesso às políticas sociais. Durante esse período, a falta de chuvas prolongadas levou a uma grave escassez de água, resultando na redução das safras agrícolas, na escassez de alimentos e água potável para a população. Muitas comunidades rurais e urbanas enfrentaram condições extremamente difíceis, envolvendo pessoas sofrendo com a fome, a sede e a falta de condições básicas de sobrevivência.

Desse modo, é possível afirmar que a seca intensifica a situação da fome. Nessa perspectiva, o problema da seca não se restringe à falta de água, mas sobretudo acarreta na escassez de alimentos, ocasionando fome no alvo maior que são as famílias de origem humilde. (Fischer; Albuquerque, 2002). A maior parcela dos ferroviários da categoria de via permanente atuava na agricultura antes de ingressar na RFFSA, o senhor Ribeiro narra um pouco de suas condições de vida antes do trabalho que muito se liga à escassez de recursos:

Minha infância foi difícil, morava no interior, eu, com dez anos já trabalhava na agricultura. Ia pra roça trabalhar, quando chegava em casa tinha que ainda moer aquele milho para fazer aquele cuscuz de hoje que era nossa comida. A vida era essa e às vezes para comer só com o feijão mesmo, não tinha mistura, não tinha nada. Eu era aquele menino que botava pedra no meio da linha para o trem cair e tudo... menino é menino... é danado, as pedras grandes... e quando cheguei a trabalhar na RFFSA passava naqueles trechos que eu botava as pedras e me lembrava do que eu fazia, e pensava: 'naquela época eu era menino e hoje sou funcionário da empresa'. (Ribeiro, 14 ago. 2023)

⁷ Abarcou: seguir viagem

Nesse trecho, o narrador relembra que o passar pelos trechos onde costumava colocar as pedras, refletindo, desse modo, sobre a sua evolução pessoal e o contraste entre o seu passado de menino travesso e sua posição como um trabalhador da RFFSA. Com isso, ressalta a transformação que ocorreu em sua vida ao conseguir um emprego na conduta profissional que o serviço exigia. O relato do senhor Ribeiro nos faz dialogar com Delgado (2006) ao abordar a relação da memória com o tempo. O senhor Ribeiro, ao rememorar a parte de sua infância, transita entre o seu passado de trabalho como trabalho um passado mais longínquo que foi o período de sua infância, fazendo uma analogia desse tempo com aquele de quando se empregou, adotando uma consciência do que fazia na época de sua meninez. Sobre essa dinâmica do tempo, Delgado (2006) explica:

Refere-se a seu caráter simultaneamente abstrato e concreto e às suas múltiplas muitas vezes enredadas formas de manifestação na dinâmica da história. O tempo e seus ritmos, o tempo e as representações coletivas sobre seu processar relacionam-se aos movimentos históricos e a construção de interpretações sobre esses processos específicos. (Delgado, 2006, p. 9)

Apesar das dificuldades na vida desses homens, o emprego na RFFSA oportunizou a ascensão socioeconômica. O relato sobre o comportamento travesso de colocar pedras na linha do trem na infância e posteriormente refletir sobre isso quando adulto, trabalhando na empresa ferroviária, oferece insights sobre a transição da infância para a vida adulta, as percepções acerca do comportamento juvenil e as reflexões pessoais sobre a trajetória de vida, não se restringindo ao tempo de trabalho. Desse modo, é possível afirmar que trabalhar com história oral é oscilar entre as temporalidades.

Nessas condições, o cotidiano ferroviário também se reveste da transformação de algo pesado para descontraído. Nos momentos de lazer dos ferroviários era possível encontrar brechas na rotina sistematizada do trabalho. A cantoria era uma dessas formas de divertimento no meio do trecho ferroviário. As letras que eram cantadas faziam parte das canções de reisados. Logo, o senhor Ribeiro rememora:

Os mais de idade eram mais sérios, os mais novos mais interativos. Teve uma vez que nós tava trabalhando dentro de um corte fechado, bem quente, na ponta de uma rua. Então um colega da gente, o Onofre, ele era muito

inteligente, cantava umas músicas, principalmente de reisado e ele começava grapiando a linha: (pá, pá, pá). E na turma tinha a da mundiçada, que eram os mais brincalhões, os mais novos. E então o Onofre começava: “quando eu vinha...” e nós completava em conjunto: “ei bumba” todo mundo, quando dava fé o corte lá em cima tava loooootado de gente para ver o que era. Uma truvuada danada. (14 ago. 2023)

Diante do exposto, foi possível refletir que apesar do trabalho ser executado no sol ardente, havia animação para cantar. Assim, ao compartilhar esse pensamento com o senhor Ribeiro, foi respondido: “Para mim, naquele tempo o sol não era como o de hoje não”. Diante disso, apesar das mudanças climáticas com o passar dos anos, percebe-se uma ingenuidade por parte do narrador ao afirmar que as condições climáticas não chegavam a ser tão intensas como hoje. Em virtude da sua idade, por exemplo, hoje, sair em um dia ensolarado na parte da tarde já não é algo tão vantajoso. Ademais, ao retornar para a análise das canções que eram cantadas no meio do trecho ferroviário, percebe-se que as práticas sociais revelam uma riqueza de experiências culturais, nas quais se constituem as pessoas. (Pereira et al, 2019, p. 186). Nesse contexto,

Percebemos um local familiar em que cultura, tradições e hábitos são cultivados, experimentados e compartilhados. Nesse território, as raízes prevalecem considerando histórias, músicas, danças e materialidades, que são elementos implícitos e significativos. Na busca desse viver junto, em comunidade, estabelecem-se a troca e a segurança, que atendem às necessidades afetivas e sociais, viabilizando a força pela vida. (Pereira et al, 2019, p. 187)

A citação acima descreve um local onde as práticas culturais, tradições e hábitos são valorizados e preservados. Nesse lugar, as raízes culturais são consideradas importantes, incluindo histórias, músicas, como era o caso das canções de reisados. Sendo assim, a busca por viver em comunidade é destacada, onde a troca e o sentimento de segurança atendem às necessidades afetivas e sociais, e fornecem força para a vida. Diante disso, é perceptível que o se sentir vivo envolvia o universo das tradições. A cultura do reisado é algo praticado ainda hoje, sobretudo nos grupos mais idosos.

Logo, nas décadas de trabalho desses ferroviários, em alguns momentos, conseguiam tornar momentos exaustivos em descontração, através de cantorias. Para Sodré (1999), a identidade de um sujeito ou de um grupo classifica sua ação em uma situação interativa, permitindo-lhe, dessa forma, agir como ator social. Com isso, é

possível afirmar que esses ferroviários são sujeitos sociais, protagonistas de suas lembranças de um tempo que constituiu grande parte de suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, cumpriu-se a responsabilidade de trazer ao menos uma parcela mínima das narrativas históricas de trabalhadores que realizavam um dos trabalhos mais pesados na ferrovia. Homens humildes, e que viram na RFFSA uma oportunidade de sustentar suas famílias, sobretudo em períodos de grande estiagem no Ceará. Nessa perspectiva, o trabalho ferroviário evitou que muitos desses sujeitos migrassem para a região sudeste em busca de melhores condições de vida. Sendo assim, hoje, afirmam que a RFFSA fez parte de mais da metade dos anos de suas vidas. Logo, faz-se importante escutá-los e registrar suas histórias que, muitas das vezes, não contêm nos documentos ditos oficiais.

Infelizmente, as fontes orais ainda hoje são hostilizadas por alguns docentes, apesar de toda conquista desde seu advento. Porém, é responsabilidade, de nós, pesquisadores orais, democratizar o acesso a esse tipo de fonte, demonstrando, logo, que é possível produzir uma história a partir de fontes orais, como buscou-se nesse texto. Portanto, ainda há muito que se caminhar rumo a programas de pós-graduação e até graduações que aceitem e acolham as fontes orais na análise historiográfica.

REFERÊNCIAS

ALVES, 73 anos, trabalhador de via permanente, Ceará. Entrevista concedida à autora, 14 nov. 2022.

ARAÚJO, 80 anos, trabalhador de via permanente, Ceará. Entrevista concedida à autora, 27 jan. 2022.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CAVIGNAC, Julie. Um mundo encantado: memória e oralidade no sertão do Seridó. In: Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e

sociabilidades, v.1/Emilia P. G., Marilda A. M., Rosa A. M. (orgs.) – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF, 2009.

CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. **Entre trilhos e dormentes:** a estrada de ferro central do Piauí na história e na memória dos parnaibanos (1960 - 1980), Teresina: EDUFPI, 2017.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral:** memória, tempo, identidades Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DNIT, Glossário dos Termos Ferroviários: disponível em: <https://www.gov.br/dnit/pt-br/ferrovias/glossario-de-terminos-ferroviarios/glossario.pdf> acesso em: 10 de agosto de 2023.

FISCHER, Izaura; ALBUQUERQUE, Lígia. A mulher e a emergência da seca do Nordeste do Brasil. **Textos para Discussão-TPD**, 2002.

GONDAR, Jo; DOBEDEI, Vera (Org.) **O Que é memória social.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Rio de Janeiro, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice e Revista dos Tribunais, 1990.

HARTOG, François. **Evidência da História:** o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. **Projeto História.** v. 22, 2001.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura:** história, cidade e trabalho. Bauru, São Paulo; EDUSC, 2002.

MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral:** como fazer, como pensar. Paulo: Contexto, 2010.

MOTTA, Márcia Maria Menéndez. História e memória. **Revista Cadernos do Ceom,** v. 16, n. 17, p. 179-200, 2003.

NORA, Pierre. Entre a história e a memória: a problemática dos lugares de memória. **Revista Projeto História,** São Paulo: Educ/PUC-SP, n.10, 1993.

PAIVA, 85 anos, supervisor de via permanente aposentado da RFFSA, Ceará, Entrevista concedida à autora, 04 de ago. 2022.

PEREIRA, et. al. Os saberes das Festas de Reinado e Reisado. In **Lazer, Práticas Sociais e Mediação Cultural**, p. 185. Christianne L. G., José A. O. D., Luciano P. S., (Org.). – Campinas, SP: Autores Associados, 2019.

PORTELLI, Alessandro. Um trabalho de relação: observações sobre a história oral, **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.7, nº13 jul-dez, 2017. p.182-195.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997.

PORTELLI, A. **História Oral como arte da escuta**, São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RIBEIRO, 64 anos, trabalhador de via permanente, Ceará. Entrevista concedida à autora, 14 ago. 2023.

RODRIGUES, 68 anos, trabalhador de via permanente, Ceará. Entrevista concedida à autora, 09 mai. 2023.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos de abusos da história oral**. Rio Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 8º ed, 2017.

SODRÉ, M. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

THOMSON, Alistair. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos de abusos da história oral**. Rio Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 8º ed, 2017.

VIEIRA, 68 anos, trabalhador de via permanente, Ceará, Entrevista concedida à autora, 05 de jun. 2022.

Jaciara Azevedo Rodrigues

Mestranda em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Especialista em Estudos de História Local pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA); Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8837714116311265>

Artigo recebido em: 11 de novembro de 2023.

Artigo aprovado em: 14 de dezembro de 2023.